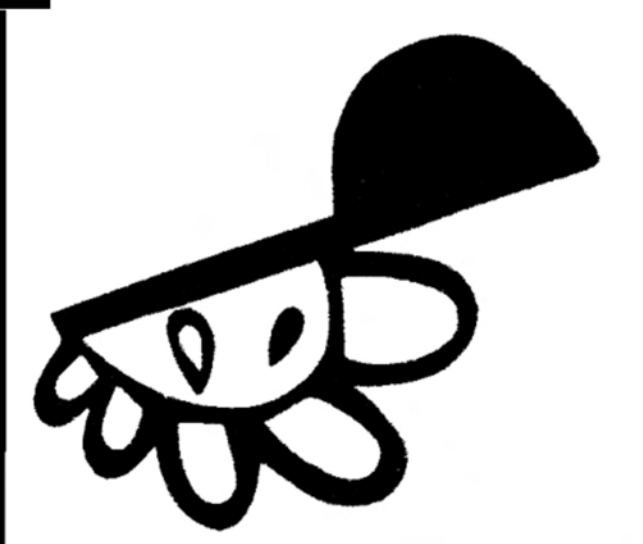
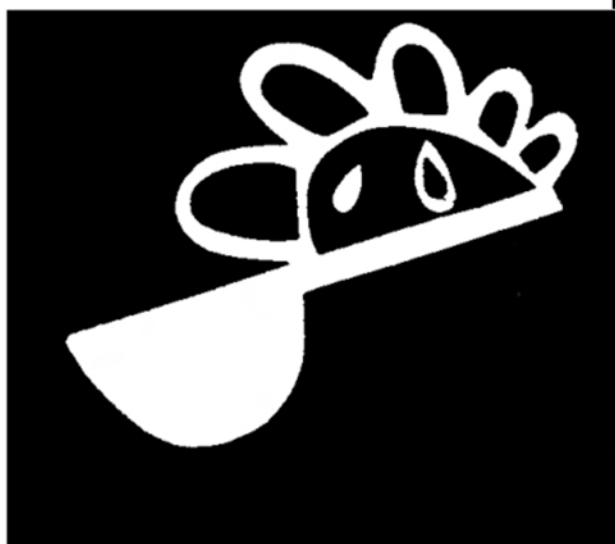


FLÁVIO DE CARVALHO:

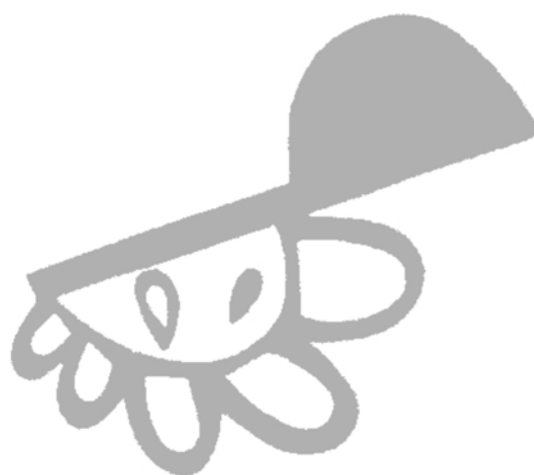
vila américa - conjunto de
casas da alameda lorena
Um modernismo



CAROLINA PIERROTTI ROSSETTI

FLÁVIO DE CARVALHO:

vila américa - conjunto de
casas da alameda lorena
Um modernismo



SAP 5846

HABITAÇÃO METROPOLES _ MODOS DE VIDA

UMA RELAÇÃO MODERNA

PROF. DR. MARCELO TRAMONTANO

dezembro - 2004

FLÁVIO DE CARVALHO:

vila américa _ conjunto de
casas da alameda lorena
um modernismo brasileiro

CAROLINA PIERROTTI ROSSETTI

novembro – 2004

sumário

introdução	02
conjunto de casas	05
análise	09
conclusões	18
anexos	20
referências	27

introdução

“O desenvolvimento técnico da cidade vem mostrar que a casa do homem não é mais o desejo de um particular, mas tem de ser o produto de uma inteligência coletiva. (...) A cidade será a casa do homem de amanhã e terá como proprietário único o Estado.”

(CARVALHO, F. de, 1932. In DAHER, L.C., 1984)

O projeto do Conjunto de Casas da Alameda Lorena, construído na década de 30 por Flávio de Carvalho, foi finalizado entre 1936 e 1938, de acordo com fontes secundárias pesquisadas. Este trabalho monográfico desenvolve-se essencialmente com: fontes secundárias, teses de mestrado

e doutorado, livros sobre o arquiteto, artigos, e algumas fontes primárias, sendo estes textos do próprio arquiteto publicados em jornais da época.

O principal ponto que este trabalho levantou foi uma relação dos textos desenvolvidos por Flávio de Carvalho apresentado simultaneamente, ou aproximadamente, no mesmo período da construção desse conjunto de casas em São Paulo e da sua casa em Valinhos. Porém este trabalho abordará apenas o conjunto de casas da Alameda Lorena com a Alameda Ministro Rocha Azevedo, Jardim Paulista, São Paulo, constituída por 17 casas e uma rua interna.

Este conjunto apresenta por volta de três tipos diferentes de plantas, que serão apresentadas a seguir, pode-se conferir algumas características comuns a outros projetos contemporâneos a este, como possíveis diálogos com projetos, como das *Casas de Aluguel para a Sra. D. Maria Gallo* (1932), a *Casa Modernista* (1930) e projeto para *Três Casas de Aluguel* (1930) do arquiteto Gregori Warchavchik, um dos projetos de Lúcio Costa para *Casas sem dono* (1932–1936) e o projeto de Pessac (1925) e Citrohan (1920) de Le Corbusier.

O que mais chama a atenção no primeiro contato com o material dessas casas é uma espécie de “bula”, um folheto no qual Flávio de

Carvalho divulga o conjunto e o apresenta para os futuros moradores com uma “forma de morar corretamente”. O arquiteto pretende através de este folheto proporcionar parte da educação desses moradores para formação de uma nova sociedade, de acordo com as novas necessidades da vida moderna, proporcionar mais qualidade de vida, praticidade e um conforto ambiental e psicológico para os possíveis futuros moradores.

As dimensões dos cômodos, reduzidas para os padrões da época, permitiam que o morador vivesse mais intensamente a cidade, o espaço público, do que no interior da casa, espaço privado. Assim, a casa se estenderia por toda a cidade e pela rua interna desse desenvolvimento da concepção de vila, apresentada pelo arquiteto. Na verdade sua idéia inicial era que todo o quarteirão acompanhasse esse projeto com rua interna e uma vida mais voltada para a cidade. O que acabou não acontecendo, ao invés disso, o conjunto foi todo sobreposto pela cidade.

Por volta dos primeiros anos da década de 40, Flávio de Carvalho se vê obrigado a vender essas casas de aluguel, pois poucas famílias se interessavam por este tipo de casa, que atraia muito mais artistas e intelectuais. Após a venda destas residências teve início um processo de descaracterização, modificando desde a fachada a algumas características

da planta, como o vão livre e os revestimentos de ladrilho hidráulico desenhados por Flávio de Carvalho.

A partir dessas considerações, este trabalho se propõe a discutir quais foram às relações que este projeto procurou ter com a cidade, com outros projetos modernistas, as questões do novo homem moderno e como ele está em relação à importação de uma arquitetura moderna para o Brasil. Assim, este trabalho monográfico se propõe a analisar as plantas, elevações, a dupla frontalidade, como foi realizada a proposta de circulação e de organização dos cômodos, como este projeto está inserido em um primeiro momento da arquitetura moderna brasileira, antes de se tornar um projeto nacional, tão vinculado aos interesses do estado, e muito mais conhecido no Rio de Janeiro.



Figura 01 _ Elevações de projetos adotados para a realização deste conjunto são: casa nº1052, casa nº05 da vila e casa nº1285.

Fonte: Carolina Pierrotti Rossetti, 30/11/2004 (as duas imagens da esquerda); L.C. Daher, 1978 (imagem da direita).

conjunto de casas

O conjunto localizado na antiga Vila América, hoje Jardim Paulista, é formado por dezessete casas, sendo dez delas voltadas para a Alameda Lorena e para a Alameda Ministro Rocha Azevedo e sete casas no interior do conjunto, acessadas por uma rua interna. Estas casas situadas no interior do conjunto são casas geminadas, mas as voltadas para as alamedas são independentes volumetricamente e estruturalmente.

A questão do conforto físico, “casas frias no verão e quentes no inverno”, é um pouco suspeito, pois todas as casas apresentam plantas com organizações e disposições semelhantes, que mudam de orientação na implantação sem relação à insolação. Mesmo as questões das aberturas e de materiais teriam que ser revistas enquanto conforto ambiental, nenhum estudo anterior apresentava a posição do norte, sendo esta verificada a partir de mapas da cidade.

“As dimensões dos aposentos eram modestas, com exceção da casa de esquina, onde tudo era maior, inclusive os balanços. A sala da residência

da Alameda Ministro Rocha Azevedo 1052 mede 5,5 x 6 m, embora pareça um salão com seu pé-direito duplo, recurso aliás utilizado em todas as casas das alamedas”.

(Daher, 1984, p. 145)

Apesar de outros trabalhos realizados sobre o arquiteto comentarem que o projeto não tinha edícula no fundo, ao analisar melhor a planta, nota-se a presença de quarto e banheiro nos fundos do quintal das casas do interior do conjunto e mesmo nas outras casas existem a idéia de um quarto com banheiro para empregada no fundo, com circulação independente do resto da casa, ou melhor, da entrada pela frontalidade principal.

A localização das escadas de ferro portátil que dava para o solário variava, algumas eram externas outras internas as casas. No solário havia um “tapa-sol circular” que, segundo Flávio de Carvalho, teria diversas funções, desde pendurar lonas até gaiolas e vasos. Esta certa flexibilidade de usos pensada na elaboração do solário também acontece na sala das casas com as salas se pé-direito duplo, onde ele propõe cortinas para uso diferenciado.



Figuras 02 _ Todas estas imagens referem-se à casa número 1052 da Alameda Ministro Rocha Azevedo.

Fonte: Carolina Pierrotti Rossetti, 30 de novembro de 2004.

A distribuição dos cômodos apresenta uma relação tripartida, ou seja, os cômodos destinados a serviços localizam-se no fundo, em relação à elevação principal, os dormitórios – área íntima – localizam-se no segundo pavimento, enquanto que a área social fica voltada para a rua. Mesmo o arquiteto propondo uma tentativa de subverter essa hierarquia dos cômodos a partir da dupla frontalidade, essa tripartição é muito marcada pelas possibilidades de circulação, como a presença do quarto de empregada vinculado à área de serviços e com acesso a uma entrada independente da entrada social a partir da sala.

A escala da casa faz pensar em um diálogo possível com as dimensões dos projetos de Le Corbusier, como a altura do peitoril, as dimensões das janelas, largura reduzida das portas externas, a largura dos

corredores (aproximadamente 80 cm), o pé-direito duplo da sala de algumas casas e as dimensões dos cômodos, principalmente dos dormitórios. Outra característica comum à postura apresentada em projetos de Le Corbusier é ao pensar o projeto como um todo, desenvolvendo desde a inserção do projeto no tecido urbano até detalhes como a fechadura e os ladrilhos. Assim, também há a preocupação em educar os moradores a partir das novas considerações para a vida moderna, que o homem deveria estar preparado para se adaptar.

“(...) [Le Corbusier] autor de um projeto de habitat que vai do mobiliário doméstico até o ordenamento do território e, (...), se não de um projeto completo de sociedade, ao menos uma concepção detalhada do modo de vida adaptado à sociedade a cujo limiar a humanidade (...), chegou.”

(KOPP, A., 1990, p. 119)

A distribuição da planta, marcada por características tradicionais, apresenta a preocupação da implantação urbana, a partir do conceito de vila, desenvolvendo uma possibilidade maior de relação do morador com a rua, mesmo as dimensões extremamente reduzidas para os padrões tradicionais das residências da época favorecem este viver a cidade. Assim, há alguns pontos novos colocados pelo arquiteto ao pensar a habitação

para uma nova época, mesmo que o arquiteto ainda proponha um espaço hierarquizado pela distribuição e circulação dos cômodos, onde a presença do dormitório de empregado ainda é um vestígio dos valores e das necessidades tradicionais e mesmo ressalta a hierarquização dos espaços



Figura 03_ Acima, da esquerda para direita: Largura dos corredores que circundam o vazio da sala; detalhe da escada com janelas generosas para os padrões da época; detalhe da escada com ladrilho, pé-direito da sala com escada interna para o solário.

Abaixo, da esquerda para a direita: detalhe da escada com a circulação superior; altura do pé-direito; detalhe da fechadura; largura reduzida da porta metálica que acessa o balcão metálico do quarto das casas da rua interna da vila. Todas as outras fotos são referentes a casa número 1052 da Alameda Ministro Rocha Azevedo.

análise

A partir de uma análise das plantas detecta-se a sua configuração tripartida – área íntima/ serviço/ social – típica de uma organização oitocentista francesa com o lavabo voltado para a entrada, com o uso social. A área de serviços é voltada para o fundo, com dormitório da empregada destinado à circulação independente da casa, geralmente acessada pela elevação da rua interna ao conjunto ou com uma circulação lateral separada da entrada da sala – social. Os dormitórios, mesmo com permeabilidade visual para a área social, através do vazio com pé-direito duplo, ainda localizam-se separados da circulação da casa, por estarem no situados no segundo piso da casa.

Esta análise difere da perspectiva dada por outros pesquisadores, que vêem o vazio da sala como uma ligação visual que permite maior circulação entre a área social e a área íntima da casa, uma possível diminuição da hierarquização da distribuição dos espaços internos, já que

não há obstáculos visuais entre estes espaços. Assim, esta análise observa que a hierarquia espacial ainda é muito presente neste projeto, principalmente pela existência do dormitório de empregado e pela tripartição na distribuição e circulação dos cômodos. Porém a maneira com que o arquiteto tenta romper com os padrões tradicionais é muito pertinente diante da implantação de uma rua interna ao conjunto, pois ele permite um diálogo com estas residências a partir de uma dupla frontalidade, que geralmente é proposta através da área de serviços ou cozinha.

Para compreender melhor a concepção das casas precisa-se compreender a idéia de cidade e de novo homem que Flávio de Carvalho apresenta em textos anteriores utilizados para esta análise: *A cidade do homem nu* (1930), *A casa do homem do século XX* (1938) e *Uma concepção da cidade do amanhã* (1932). Toda a obra de Flávio de Carvalho pode ser estudada a partir dos conceitos que ele trabalha em seus textos e como estes se refletem em seus trabalhos arquitetônicos. Assim, podem-se compreender algumas características do projeto, por sua preocupação de uma relação direta do indivíduo com a cidade a partir da própria casa, da idéia de habitar a cidade.

Estas preocupações de Flávio de Carvalho apresentadas em seus textos e que aparecem em certas configurações do projeto das casas e sua implantação dialogam com algumas questões em voga na Europa na década de 20, principalmente os alemães e Le Corbusier, que discutiam as questões da cidade e da habitação.

Os pontos levantados comuns às discussões de Flávio de Carvalho e os modernistas europeus na década de 20 são muito relevantes para entender os diálogos que o arquiteto brasileiro irá ter como referência ao discutir e elaborar a sua arquitetura.

“Arquitetura “moderna” não era apenas formas depuradas e técnicas contemporâneas, mas também e sobretudo a tentativa de participar, ao nível da construção do ambiente, na transformação da sociedade.”

(KOPPP, A., 1990, p. 14)

A crença nas virtudes pedagógicas do ambiente construído é considerada pelos modernistas europeus um instrumento de transformação social, assim como visão de uma sociedade futura mais igualitária, mais fraterna e mais justa também são questões discutidas tanto pelos modernistas europeus quanto por Flávio de Carvalho em seu projeto, no folheto distribuído sobre o projeto e em seus textos, como:

“ O século XX assiste no momento ao problema de criar um ambiente e construir a habitação apropriada ao elemento produtor do país, para que esse elemento recebendo mais conforto e mais higiene , possa aumentar a sua capacidade produtora, para que esse elemento, vivendo em condições superiores, aplique as suas energias combativas, o seu sentimento de luta, tão necessários à idéia de progresso e de vida, num campo mais elevado. Para que as dificuldades a serem vencidas por esse elemento não sejam de natureza tão elementar como, por exemplo, as de ter casa higiênica e alimentação sadia.”

(CARVALHO, F. de, 1938. In. XAVIER, A., 2003, p. 54.)

Estas questões comuns ao pensar em uma sociedade futura que viveria numa sociedade socialista, onde todos viveriam com a mesma qualidade de vida, educados pelo próprio espaço de viver e habitar e a construção deste “novo homem” que vive no tempo da máquina são propostas colocadas tanto pelos modernistas europeus como por Flávio de Carvalho. A construção desse novo homem e da educação pelo ambiente são questões desenvolvidas por Flávio de Carvalho em seu folheto que se dispõe a ensinar os moradores a viverem melhor, a saberem usufruir do espaço oferecido. A cidade do “homem nu” também apresenta a preocupação sobre a construção deste “novo homem moderno” que

deveria romper com as questões da vida tradicional, antes do advento da máquina.

“Esse conceito fundamental de “cultura do modo de vida” que estará na base de todas as teorias arquitetônicas e artísticas da década de vinte. É ele que faz nascer na arquitetura formas de habitação inteiramente novas e fundadas sobre as idéias que os revolucionários (...) faziam da sociedade do futuro.”

(KOPP, A., 1990, p. 19)

Desta forma, os modernistas europeus discutiam as questões da habitação e da formação do novo homem. A preocupação era mais social do que formal, os arquitetos pensavam numa forma de responder arquitetonicamente e urbanisticamente a essas transformações, na construção de “novos organismos arquitetônicos”. Assim, os arquitetos projetavam para o futuro em defesa das massas, das multidões anônimas, dos trabalhadores.

“ (...) noção vaga, fundada em idéias generosas, nas quais a fraternidade universal e o papel do “povo” (que deve, entretanto ser educado) são os motores da história e onde a arquitetura, síntese das artes, criará um ambiente propício ao desenvolvimento cultural das massas”

(KOPP, A.,1990, P. 28)

Os arquitetos alemães imaginavam um socialismo, não fiel às questões de Marx, mas que pensava numa sociedade homogênea, na formação de um “novo homem”. Este novo homem seria um indivíduo que participaria, seria parte, da coletividade e isto deveriam se refletir no modo dele viver e dele habitar, assim como no modo de usar os equipamentos da cidade. Assim, uma das propostas que os arquitetos alemães desenvolvem é a proposta de “vila”, que indica certa hesitação entre os antigos vilarejos e a pesquisa das “novas formas de vida, de habitat e de revelações sociais que uma arquitetura e um urbanismo novo gerariam.” (KOPP, 1990, p. 36)

“Quando uma pessoa vive em comunidade, esta deve em certa medida limitar seus próprios desejos em função dessa comunidade (...) Sua casa não deve ficar separada da casa vizinha, mas, ao contrário, deve unir-se a ela para dar uma impressão de homogeneidade”

(BOLLERY, F. e HARTMANN, K., In. KOPP, 1990, p. 36)

Os alemães, cultura de Weimar, entendiam a figura do burguês como “portador de todos os vícios de toda estupidez humana”, como uma figura retrógrada e individualista. A partir desta perspectiva, eles propunham um novo olhar, um olhar crítico para o passado e com esperança no futuro. Esta discussão também se pode verificar no texto de Flávio de Carvalho, A

cidade do homem nu, ao discutir um novo homem capaz de olhar para o passado, e aprender, para deixar de repetir os mesmo erros e para deixar de viver segundo as tradições burguesas.

“A idéia de busca de um objetivo comum, do avanço coletivo e solidário para o futuro pareciam ser sem dúvida melhor expressos por um conjunto arquitetônico importante e agrupado do que por habitações individuais dispersas em meio a jardins individuais.”

)KOPP, A. , 1990, p. 45)

As habitações sendo projetadas em conjunto, formando uma idéia de coletividade, permitem contatos e trocas entre os habitantes de forma mais acessível, além de proporcionar um ambiente mais seguro, maior conforto dentro da cidade, oferecendo também mais conforto psicológico e felicidade para os moradores, como Bruno Taut se preocupava na elaboração de seus projetos. Assim como alguns arquitetos alemães desenvolveram seus projetos para conjuntos habitacionais com duas frentes, com uma delas voltada para o interior dos conjuntos, Flávio de Carvalho projeta a dupla frontalidade neste conjunto, proporcionando maior coletivismo no lugar do individualismo, possibilitando uma evolução nas relações sociais.

“A arquitetura é também um instrumento de liberação social, o próprio instigar de uma nova maneira de viver, da “Neue Wohnkultur” (nova cultura da habitação) como se diz na Alemanha. A nova vida será mais comunitária, menos centrada sobre os problemas da família”

(KOPP, A., 1990, p. 50)

Os projetos das habitações sofreriam, segundo os modernistas europeus, uma simplificação das tarefas domésticas, pois algumas dessas funções se estenderiam para a cidade, como “monumentos da nova arquitetura”, que seriam as lojas cooperativadas, as creches, os jardins de infância, as lavanderias coletivas, dentre outros. Esta preocupação do habitar inserido em equipamentos da cidade, a casa se expandindo para a cidade, são questões também apresentadas por Flávio de Carvalho em seus textos, como podemos ver:

“Ele [o homem do século XX,] passa quando muito cinquenta por cento do dia normal na sua casa, o resto do tempo é gasto nos compartimentos da cidade. Existe uma tendência sempre crescente de diminuir esse período de estadia na casa. À medida que a cidade adquire compreensão maior da idéia de coletividade, à medida que ela fornece coletivamente maior conforto e luxo, a importância da casa como centro único da atividade diminuiu. As atividades do homem espalham-se mais pela cidade em vez

de somente pela casa (...) A cidade é toda ela a casa do homem. (...) Esse ponto de passagem que é a casa do homem do século XX não pode ter as características da velha casa-fortaleza senhorial, da casa anterior ao advento da máquina. (...) toda a atividade passou com a evolução social e econômica a se exercer em toda a cidade.”

(CARVALHO, F. de, 1938, In. XAVIER, A. , 2003, p. 53)

Além dos arquitetos modernistas alemães estarem discutindo habitação, o CIAM (Congresso Internacional de Arquitetos Modernos) de 1929 discutia a habitação mínima, e, principalmente, preocupavam-se sobre a maneira com que os habitantes viveriam “de outra maneira”. Segundo Gropius, as condições essenciais seriam que cada habitante tivesse o seu próprio quarto, que a cozinha pudesse simplificar ao máximo o trabalho doméstico e principalmente que o a mobília não imitasse o mobiliário burguês, ao contrário, deveria ser concebida em função da manutenção simples, de condições de vida higiênicas e preço baixo.

Esta preocupação com o mobiliário anti-burguês proposta por Gropius está também nos folhetos apresentados neste projeto por Flávio de Carvalho ao propor o “modo de usar” corretamente o conjunto de casas. No folheto ele dizia:

“Aconselha-se o uso de móveis que ocupem pouco espaço, pois são mais estéticos, confortáveis e higiênicos. (...) Uma tampa de armário de 10 cm de espessura de um móvel pseudomoderno comum ocupa o volume de dois homens. 80% da idéia de beleza reside na facilidade com a qual o homem se movimenta no ambiente. Medite sobre este aspecto do problema e exija do seu fornecedor móveis metálicos ou em de madeira obedecendo ao princípio de máxima economia de espaço.”

Segundo os arquitetos e intelectuais da antiga União Soviética, este “novo modo de vida” seria antes de tudo uma crítica a vida do pequeno burguês, pois a vida deveria ser: uma prática social fundada no coletivo, no desprendimento material, no exterior, a participação de todos na direção dos negócios, com a autogestão dos meios de produção, a transformação das relações entre sexos, novas relações dentro da família, as crianças seriam da sociedade comunista como um todo, a sociedade seria responsável pelas crianças e o amor deveria ser livre, independente do matrimônio, assim propõe a transformação completa da família. A questão da família é importante para o arquiteto pensar o espaço edificado para a família – a casa – assim como as estruturas da cidade para a família como creches e escolas, pois a educação deveria ser dada por especialistas e não por familiares retrógrados.

Esta questão familiar estava sendo discutida nos textos analisados de autoria de Flávio de Carvalho. Este arquiteto brasileiro questiona a família, os valores

tradicionais, as relações com os filhos e a sociedade. E estes pontos refletem também na estruturação da casa como um todo, em sua implantação para a cidade, em suas dimensões reduzidas diante desta redução da família e de sua importância na produção. A base da sociedade é o indivíduo formando o coletivo e não mais a família.

“Essa diminuição da importância da família na vida do homem é dos fatores determinantes mais poderosos das formas da cidade e da casa do homem do século XX”.

(CARVALHO, F. de, 1938, In. XAVIER, A. , 2003, p. 55)

“(...) as cidades futuras terão que abordar problemas opostos aos trazidos até hoje pelas concepções cristãs da família e da propriedade privada. Cumpre a nós, povos nascidos fora do peso das tradições seculares, estudar a habitação do homem nu, do homem do futuro, sem deus, sem propriedade e sem matrimônio. No norte da Alemanha, como em diversas partes do mundo culto, a ligação livre é um fato. A concepção do estado como único proprietário tende a se impor com a socialização dos filhos e da fortuna, sendo que, na conservadora Inglaterra, o imposto sobre a herança já atingiu a 40 por cento.”

(CARVALHO, F. de, 1930. In. DAHER, L.C., 1982, p. 103)

As plantas desenvolvidas por Flávio de Carvalho apresentam todas estas questões elaboradas em seus textos, através da escala que elementos como o

peitoril, o pé-direito, a largura do corredor, o dimensionamentos dos cômodos, principalmente dos dormitórios e toda a sua linguagem moderna. Desta forma apresenta uma escala reduzida aos padrões do Brasil da década de 30, dialogando com projetos como os de Le Corbusier, elaborados na década de 20. Mesmo as questões da distribuição dos cômodos, que ainda apresenta aspectos tradicionais, e a circulação sofrem uma tentativa de modificação através da dupla frontalidade, onde a área destinada a serviços e empregados também apresentaria importância na circulação e acesso para a casa com a rua interna.

Mesmo a elevação da rua interna valorizando a circulação através da área de serviços, ainda apresenta uma hierarquia espacial, com a distribuição dos cômodos e a circulação social voltada para a entrada das alamedas. A edícula, ou os vestígios dessa com o quarto de empregado nos fundos do lote, apresenta a necessidade de empregados domésticos no funcionamento da casa, ainda nos moldes tradicionais.

A implantação do conjunto apresenta-se como um todo, pois as casas não são isoladas entre si por jardins e fechamentos dos lotes, mas conformam um todo com maior contato entre as casas e seus moradores. As casas voltadas para as alamedas não são geminadas, porém são muito próximas, mesmo sendo estruturalmente independentes. Já as casas internas ao conjunto chegam a ser geminadas todas formando uma unidade, uma coletividade pensada pelos

europeus também. Assim é a forma com que Flávio de Carvalho discute a questão da “vila” sobre igualdade e as relações de coletividade entre os moradores, pois a rua interna com acesso para todas as casas funcionaria como um “quintal coletivo”, mesmo a partir das individualidades dos moradores conservadas em suas casas há um diálogo entre espaço público e privado.

Estas relações de espaço público e privado acontecem, além da proximidade das casas, no interior do projeto das casas. As aberturas com vidros generosas, os terraços e os solários revelam as relações internas das casas para o exterior, a partir disto, os espaços privados relacionam-se constantemente com os espaços públicos, permitindo uma relação mais direta dos moradores com a cidade mesmo dentro da casa.

Este questionamento sobre a relação dos indivíduos com a cidade continua nas dimensões reduzidas e nas reduções das funções domésticas no interior da casa, pois estas outras funções sociais e domésticas, antes restritas ao interior das casas, fazem parte dos equipamentos da cidade. Assim, mesmo com a disposição dos cômodos não sendo tão inovadora para a época, pretendia um questionamento dos moradores sobre a forma antiquada em que viviam e a maneira anacrônica de utilizar a casa e a cidade, o habitar moderno na cidade.

conclusões

Para Flávio de Carvalho a casa moderna é um equipamento da cidade, que permite o homem viver na cidade, diferente das questões anteriores da casa representar uma fortaleza ou proteção da natureza. Assim, a principal preocupação do arquiteto é que esses moradores tenham o convívio comum, quando reproduz a rua no interior do conjunto de casas, conformando uma concepção de vila, coerente com as questões sobre a cidade que este apresenta em seus textos.

A dupla frontalidade das casas, mesmo as casas internas do conjunto, apresenta mais um uso de serviços do que propriamente uma dupla frontalidade, onde ambas as elevações teriam a mesma importância formal e de uso. Esses novos elementos que ele traz para a discussão da casa brasileira como: o pé-direito duplo, o solário, as grandes aberturas e a dupla frontalidade, são na verdade um diálogo com elementos que podemos ver em projetos de grandes mestres europeus, como em Pessac (1925) de Le Corbusier. Portanto a questão plástica é importante, mas o que é mais pertinente nesse projeto é a proposta de

um “outro morar”, um questionamento da própria forma de morar e das apropriações espaciais que irão se refletir no projeto.

Tecnologicamente não é muito significativo, ele trabalhou com alvenaria, calculando vãos mais amplos para a escala da residência, mas se compararmos a construção do Ministério da Educação e Saúde de Lúcio Costa e sua equipe, na mesma época, nota-se que não é plasticamente e tecnicamente tão significativo enquanto arquitetura moderna brasileira, mas sim uma arquitetura modernista, marcada pelas preocupações anárquicas e anti-burguesas.

A planta pode ser analisada a partir de projetos como os de Pessac (1925) e Citröhan (1920) de Le Corbusier, o projeto da Casa Modernista (1930) e das Casas de Aluguel para a Sra. D. Maria Gallo, ambos os projetos de Warchavchik, e as Casas sem dono (1932–1936) de Lúcio Costa. Assim, pode-se notar que os projetos brasileiros apresentam a mesma disposição dos cômodos e o mesmo programa do Conjunto Vila América, além de uma busca por uma linguagem arquitetônica moderna, dialogando com os modernistas europeus. A diferença mais acentuada desses outros projetos brasileiros apresentados, favorecendo uma relação com o projeto de Pessac, é a dupla frontalidade, que permitia pensar em uma nova circulação e apresentava-se como uma forma de romper a hierarquia espacial tradicional.

Flávio de Carvalho apresenta neste projeto sua busca por uma linguagem moderna, relacionada principalmente com os arquitetos alemães e Le Corbusier

na década de 20, período marcado pelas consequências do primeiro pós-guerra europeu. Porém, sua busca por um novo modo de vida aqui no Brasil é pouco apreendida, talvez porque o Brasil não tenha sido palco de grandes guerras que fizessem com que a população refletisse e aceitasse novas questões sobre o modo de ser e de viver. Assim, continuava uma repetição dos modos de vida segundo os padrões ainda coloniais, mesmo com inovações tecnológicas e científicas que permitissem inovações comportamentais e uma mudança na base da estrutura da sociedade, a família.

A conclusão mais relevante para a compreensão das concepções projetuais é a relação dos textos elaborados por Flávio de Carvalho e suas ações projetuais. As preocupações da postura do arquiteto diante da sociedade, que sofreria mudanças com o advento da máquina e poderia sofrer uma mudança política como na URSS, e a maneira pela qual poderiam ocorrer as no Brasil as adaptações a estas novas questões discutidas na Europa, estão em todas as suas ações durante a década 30.

anexos

imagens_conjunto de casas

Flávio de Carvalho



Figura 01_ elementos de relação entre o morador e a cidade

Fonte: Daher, L.C., 1984 (as quatro imagens da esquerda) e Rossetti, C.P., 2004 (imagem da direita)



Figura 02_ desenhos dos ladrilhos elaborados por Flávio de Carvalho

Fonte: Rossetti, C.P., 2004 (as quatro imagens da esquerda) e Daher, L.C., 1984 (as duas imagens da direita)

na esquina da Al. Lorena com a Al. Rocha Azevedo em São Paulo

um grupo de 17

casas de aluguel

novos modelos
para 1938
e 1939

casas
frias no
verão e
quentes no
inverno

ultimas
criações de FLAVIO DE CARVALHO

modo de usar

- As casas podem ser alugadas com ou sem: garagem, quarto sobressalente, privada sobressalente, jardim sobressalente, escada de serviço.
- Aconselha-se o uso de cortinas a dois panos: um branco face ao exterior e um preto ou verde ou azul escuro face ao interior. A superfície branca reflete a luz exterior e consequentemente o calor, a superfície escura absorve a luz interior escurecendo mais que a tipo comum de veneziana e conservando o quarto mais fresco e mais bem arejado.
- Aconselha-se o uso de moveis que ocupem pouco espaço pois são mais estéticos, confortáveis e higiênicos. Infelizmente os fabricantes de moveis (pseudomodernos) ainda não compreenderam o problema de espaço na vida hoje. Uma tampa de armario de 10 cms. de espessura de um movel pseudomoderno comum ocupa o volume de dois homens. 80 % da ideia de beleza reside na facilidade com a qual o homem se movimenta no ambiente. Medite sobre este aspêto do problema e exija do seu fornecedor moveis metalicos ou bem em madeira obedecendo ao principio de maxima economia de espaço.
O aro em torno do tapasol circular do solarium serve para amarrar cortinas coloridas de lona que são na outra extremidade atadas ao gradil do solarium, assumindo posição inclinada em forma de tenda. Pode tambem ser usada para pendurar gaiolas com passaros ou vasos com flores.
- Os ferros de cortina no meio da sala grande servem para dividir esta em duas salas.
- Para fechar e abrir as torneiras é suficiente uma leve pressão com o dedo sobre o pino. Um esforço violento de torção é inadequado ao tipo de torneira e prejudicial ao bom funcionamento.
- Obtem-se a ventilação desejada regulando os ventiladores superiores e inferiores.

informações:

rua Barão de Itapetininga 297
studio 805 - 8.º andar - fone 4-4550
expediente das 15 às 17 horas

A PROPAGANDISTA LTDA. - S. PAULO

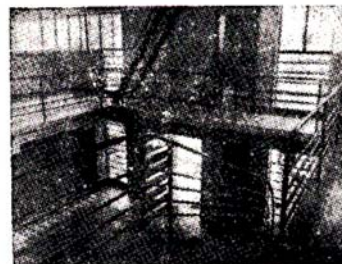
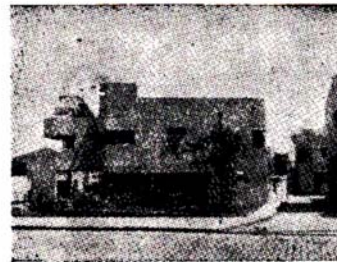


Figura 03 _ Folheto distribuído na inauguração do conjunto de casas para os futuros moradores
FONTE: DAHER, L.C., 1984.

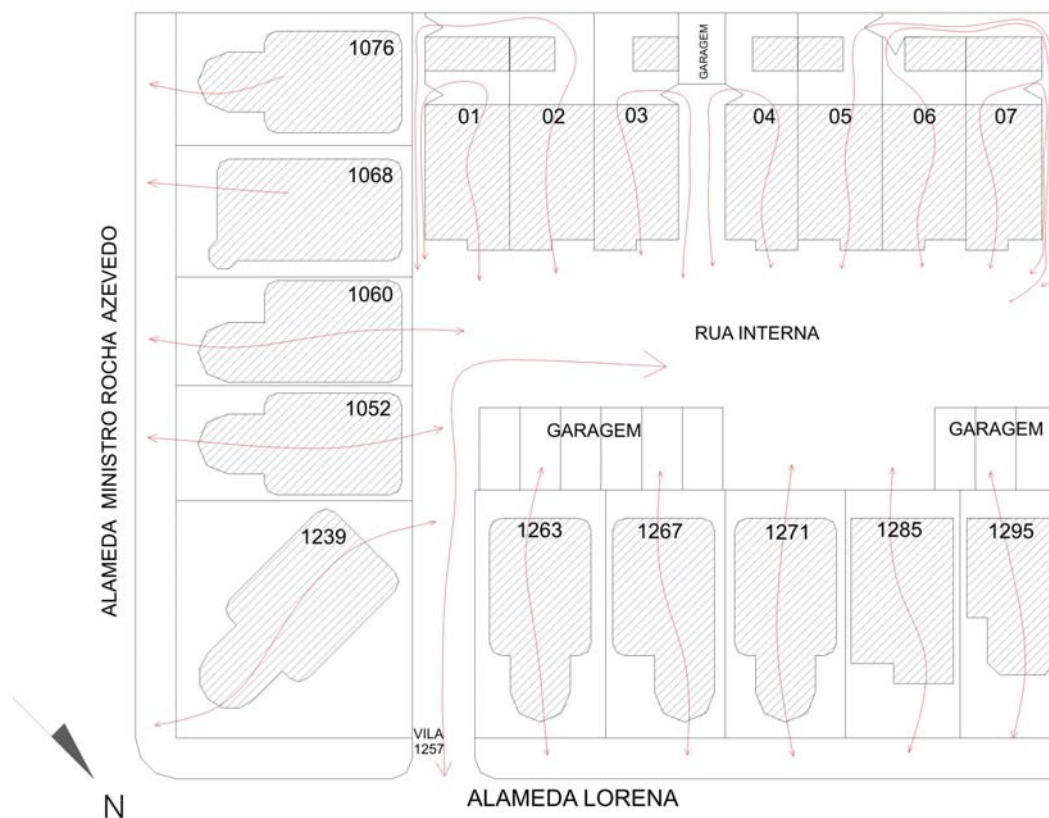


Figura 04 _ Croqui da implantação das casas com suas respectivas numerações e a circulação proposta, segundo a verificação in loco e de fontes secundárias.
 FONTE: ROSSETTI, C.P., dezembro de 2004

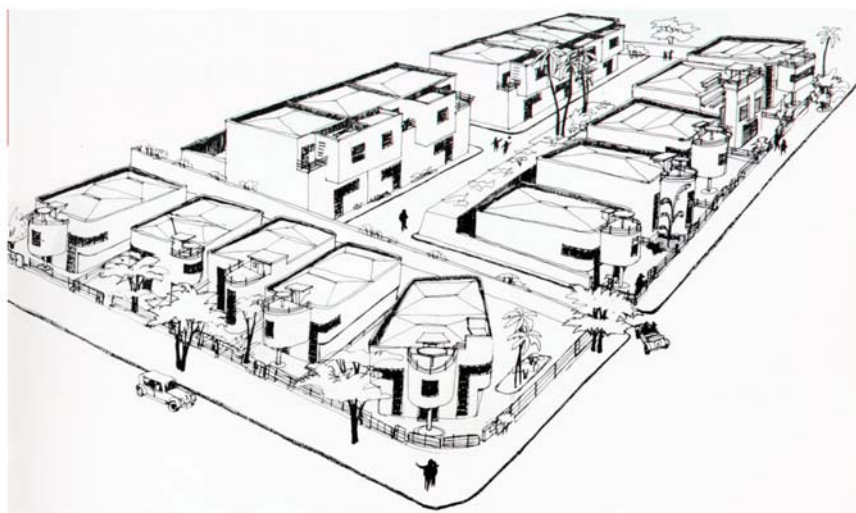


Figura 05 _ Croqui de Luiz Carlos Daher _ Organização volumétrica das casas
 Fonte: L.C. Daher, 1984, p. 151.

-

-
- The image displays two architectural floor plans of a building, oriented horizontally. The left plan is labeled 'PAVIMENTO TÉRREO' (Ground Floor) and the right plan is labeled 'PAVIMENTO SUPERIOR' (Upper Floor). Both plans show a central staircase and a semi-circular entrance on the right side. The ground floor plan includes rooms 01, 02, 03, and 04, while the upper floor plan includes rooms 05, 06, 07, and 08. The plans are drawn in black lines on a white background, with room numbers in red.

-

Figura 08_Planta da casa nº1263 da Alameda Lorenzini_Figura 09_Planta da casa nº1052 da Alameda Ministro Rocha Azevedo.
Fonte: DAHER, L.C., 1984.
Fonte: DAHER, L.C., 1984.

- 01_JARDIM
- 02_SALA DE ESTAR
- 03_SALA DE JANTAR
- 04_GARAGEM
- 05_COZINHA
- 06_BANHEIRO
- 07_DORMITÓRIO DE EMPREGADO
- 08_QUINTAL
- 09_DORMITÓRIO
- 10_CIRCULAÇÃO

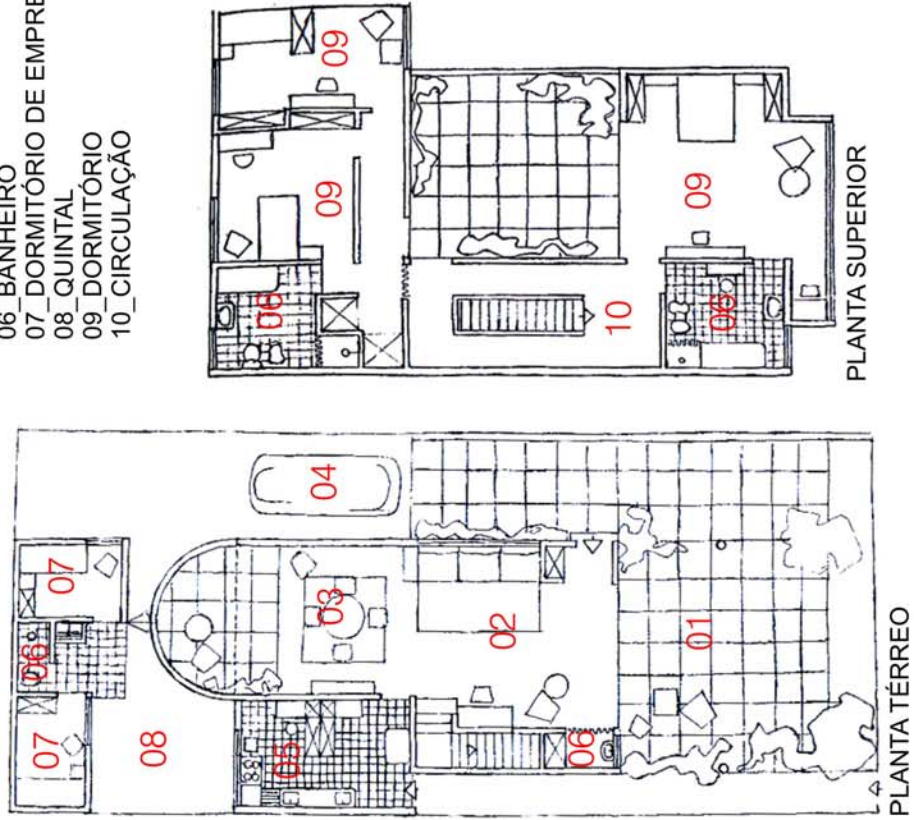


Figura 11_Projeto "Casas sem dono" (1932 - 1936) de Lúcio Costa
Fonte: CAVALCANTI, L. 2001..

- 01_JARDIM
- 02_SALA DE VISITAS
- 03_SALA DE JANTAR
- 04_COZINHA
- 05_QUINTAL
- 06_DORMITÓRIO DE CRIADAS
- 07_DORMITÓRIOS
- 08_BANHEIROS

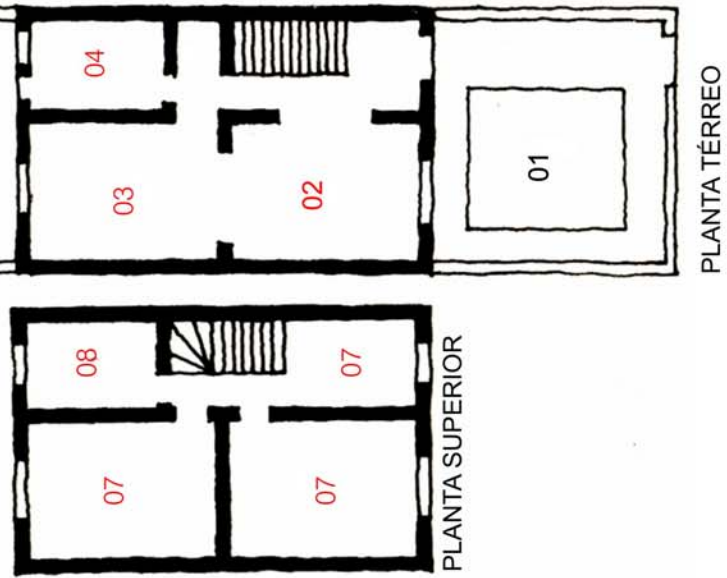


Figura 10_Esquema analisado por Nestor Goulart Reis Filho
sobre as casas brasileiras da década de 30 e 40.
Fonte: REIS FILHO, 1997.

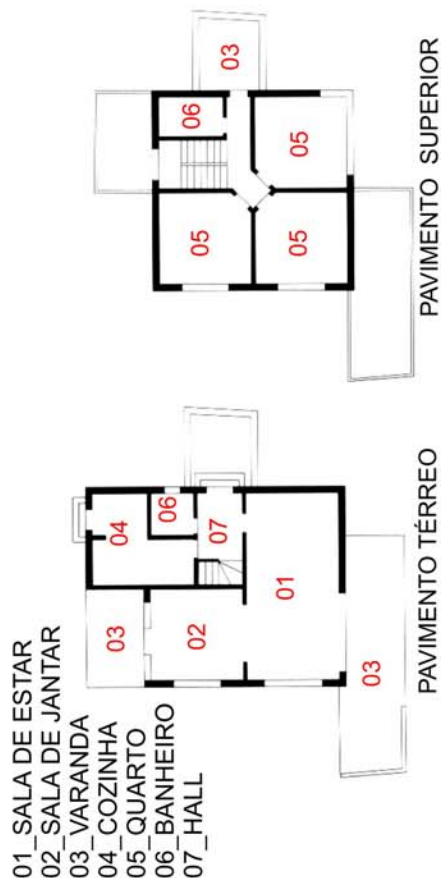
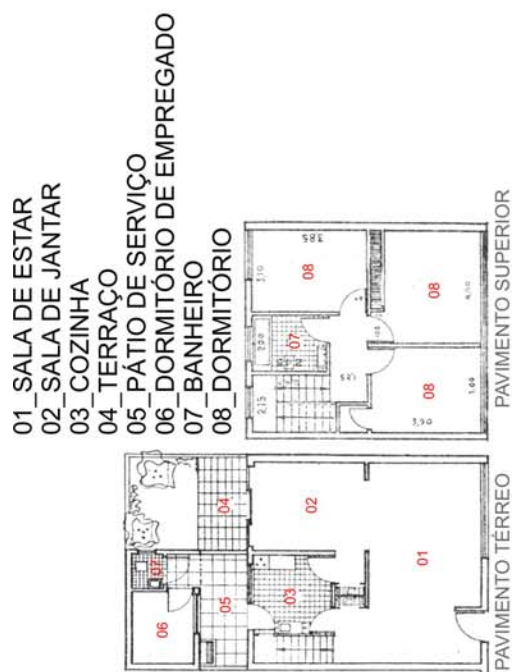


Figura 12_Projeto "Casas de aluguel para Sra Maria Gallo(1932) de Gregori Warchavchik Fonte: FERRAZ, G., 1965.

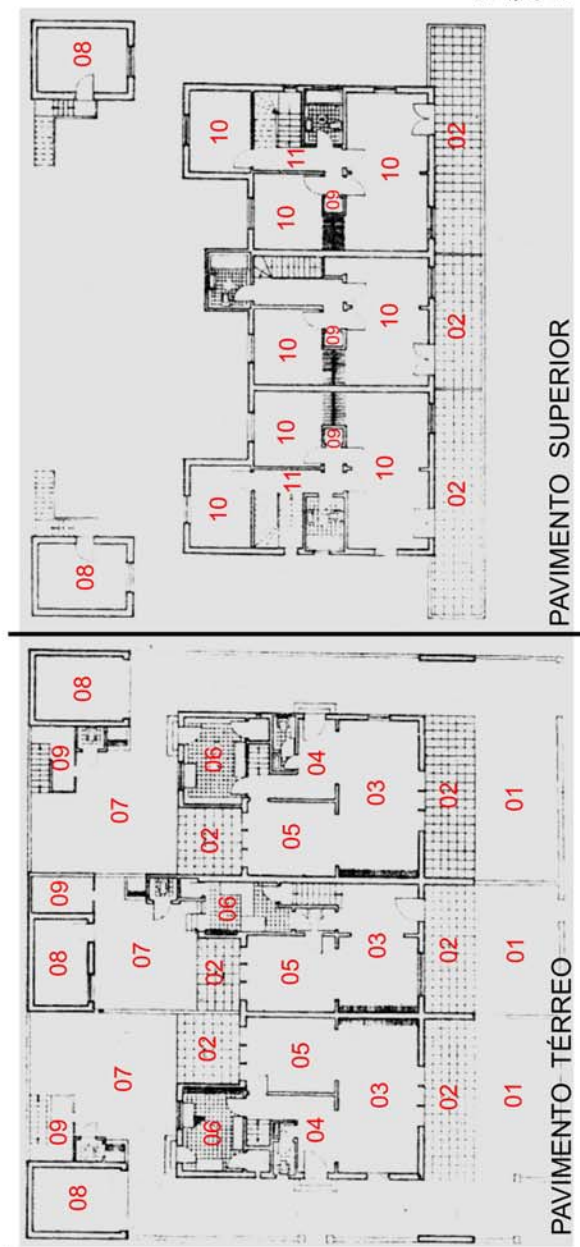


Figura 14_Projeto "Grupo de 3 casas de aluguel para a classe média (1930) de Gregori Warchavchik Fonte: FERRAZ, G., 1965.

referências

ARGAN, G. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOESIGER, W; GIRSBERGER, H. *Le Corbusier 1910–65*. 7ª ed. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2001.

CARVALHO, F.de. *A casa do homem do século XX*. (27 de jan. de 1938) In. XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 52–55.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

CAVALCANTI, Lauro. *Guia de Arquitetura 1928–1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

DAHER, Luiz Carlos. *Reconstituição visual de um conjunto residencial da década de 30*. São Paulo: FAUUSP (Trabalho de Patrimônio Ambiental Urbano – Curso de Especialização), 1978.

_____. *Flávio de Carvalho: arquitetura e expressionismo*. São Paulo: Projeto Editores, 1982.

_____. *Flávio de Carvalho e a volúpia da forma*. São Paulo: Edições “K”/ MWM Motores, 1984.

FERRAZ, Geraldo. *Warchavchik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925/1940*. São Paulo: Masp, 1965.

_____. *Depois de Tudo: memórias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1983.

ISHIDA, Américo. *Desenho, desejo e desígnio: na arquitetura de Flávio de Carvalho*, São Paulo: FAU/USP, 1995.

KOPP, A. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1990.

LEITE, Rui Moreira. *Experiência sem número: uma década marcada pela atuação de Flávio de Carvalho*. São Paulo: USP, 1987.

LEITE, Rui Moreira. *Flávio de Carvalho (1899–1973): entre a experiência e a experimentação*. São Paulo: USP, 1994.

LEMOS, Carlos. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MARQUES, Sônia; NASLAVSKY, Guilah. *Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno*. In: <http://www.vitruvius.com.br>. Texto especial 065, abril de 2001.

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. *Identidade Nacional e Estado no Projeto Modernista*. In. Oculum 2. Campinas: FAU–Puccamp, 1992.

MATTAR, Denise. *Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico* / curadoria Denise Mattar. – Rio de Janeiro: CCBB, 1999.

MINDLIN, Henrique. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *Flávio de Carvalho – o performático precoce*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

OSÓRIO, Luiz Camillo. *Flávio de Carvalho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 8ªed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

SANGIRARDI Jr. *Flávio de Carvalho – o revolucionário romântico*. Rio de Janeiro: Philoblion, 1985.

- SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900–1990**. São Paulo: Edusp, 1999.
- SEGAWA, H. **Prelúdio à metrópole**. São Paulo: Atelier, 2000.
- SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. ***Pindorama Revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada***. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000.
- SOUZA, A. de. ***Arquitetura no Brasil: depoimentos***. São Paulo: Diadorim; Edusp, 1978.
- SOUZA, Ricardo Forjaz Christiano de. ***Trajetórias da arquitetura modernista***. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artística, Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 1982.
- TELLES, Sophia da Silva. ***Arquitetura Modernista: um espaço sem lugar***. In: ***Sete ensaios sobre o Modernismo***. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- TOLEDO, J. ***Flávio de Carvalho – o comedor de emoções***, São Paulo: Brasiliense/Unicamp, 1994.
- TRAMONTANO, M. **Espaços Domésticos Flexíveis: notas sobre a produção da 'primeira geração de arquitetos modernistas' brasileiros**. São Paulo: FAUUSP, 1993. Mimeo.
- TRAMONTANO, M. **Paris–São Paulo–Tokyo: novos modos de vida, novos espaços de morar**. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1998.

